

entrevista

Renato Janine Ribeiro

Ética ou o fim do mundo



O mundo como está pode se tornar insustentável. No caminho de revés, a ética tem um papel imprescindível nessa redenção. Assim defende o professor titular de Ética e Filosofia Política da Universidade de São Paulo (USP), Renato Janine Ribeiro. Para ele, o mais importante sobre ética é saber que o sujeito deve ser responsável por suas ações. É o exemplo deixado por Antígona, há mais de dois mil anos. Acredita, portanto, em uma ética de transgressões em nome de firmes convicções morais em vez de uma obediência cega às leis por medo das conseqüências. A ética, nesse caso, está quase ligada ao ato heróico. Seria o que está faltando à sociedade atual.

O filósofo concorda que, em uma sociedade que só privilegia o descartável, há uma corrosão do caráter; as relações pessoais e familiares e, conseqüentemente, também os laços sociais, se fragilizaram ao mesmo tempo em que vivemos com uma liberdade de escolha nunca vista antes. Esse seria o grande dilema ético da sociedade atual. Como escolher entre o tradicional e o novo, entre a lealdade amorosa e a paixão? Não há regras. Para o filósofo, a saída está em criar um pensamento para lidar com as rupturas e com as mudanças ao longo da vida.

Para Ribeiro, não há como fazer pactos de ética, o tão falado pacto social para o país, por exemplo. Ou seja, não é possível fechar negociações de quem vai ser ético ou não. Se houver esse pacto, então ética não é. Afirmar, ainda, que não é fácil tomar o caminho ético em uma sociedade na qual ter a consciência tranquila está longe de ser uma “mercadoria” valorizada. Pois, quem age eticamente nunca terá certeza de que sairá ganhando. Mas a premissa é imediatamente tangível quando saímos do individual para o

público. Sim, o mundo ganha – inclusive materialmente – com ações mais éticas.

Nesta entrevista exclusiva para a *Organicom*, Ribeiro avalia ainda a crise econômica (uma crise do conservadorismo), a (escassa) liberdade no trabalho, discute a ética como mercadoria, as relações entre ética e política, a dificuldade brasileira de conciliar a prática e o discurso e a falta de justificativas de se trabalhar em empresas corruptas ou que infringem valores básicos. Como não poderia deixar de ser, discute também o papel dos profissionais de Relações Públicas na defesa dos interesses das empresas pelas quais trabalham. Por fim, Ribeiro só vê uma saída: ou agimos eticamente sem esperar recompensas, ou o mundo acaba.

Organicom – Antes de tudo, o que é ética?

Renato Janine Ribeiro – Ética é uma palavra que vem do grego *ethos*, quer dizer caráter. É muito usada como sinônima – ou não – de moral, que deriva do latim *mores*, costumes. Como costumamos distinguir uma ética (ou moral) que se limita a seguir os preceitos vigentes de uma outra na qual o sujeito se responsabiliza por uma decisão dificilmente tomada, muitos chamam de moral a primeira (que segue os costumes dominantes), e, de ética, a segunda (na qual o caráter é construção pela qual a própria pessoa é responsável).

Organicom – Existe uma ética exclusiva de um determinado setor? Há *uma* ética ou *várias* “éticas”?

Renato Janine Ribeiro – O mais importante não é dizer se ela muda ou se há diversas éticas, mas, sim, que o sujeito é sempre responsável pelas decisões. Se dissermos que há éticas setoriais ou corporativas, caímos no pior risco para a ética, isto é,

de que as pessoas abram mão da responsabilidade por suas escolhas. Isso é tão negativo quanto elas se refugiarem atrás de mandamentos ou regras universais. Em outras palavras, o decisivo para a ética não é o que se faz, mas por que essa determinada pessoa faz algo ou deixa de fazê-lo. Se eu respeito as leis por medo das conseqüências, não sou ético. Paradoxalmente, se desrespeito as leis por convicções morais e arco com as conseqüências de meus atos, sou ético: é o exemplo que nos deixou Antígona, mais de dois mil anos atrás. Notem que isso é bem diferente de desrespeitar a lei numa sociedade democrática e querer furtar-se às conseqüências, como quiseram os invasores da Reitoria da USP em 2006. O que retirou qualquer conteúdo ético da ação deles foi essencialmente essa reivindicação.

Organicom – A seu ver, qual o grande dilema ético da sociedade atual?

Renato Janine Ribeiro – Vivemos uma situação sem precedentes que é, por um lado, termos liberdades em escala inédita – desde as pessoais até as políticas, isto é, desde a de escolher o companheiro até a de votar, falar e se organizar – e, por outro lado, estarmos com os laços sociais muito enfraquecidos. Os laços que

// Se dissermos que há éticas setoriais, caímos no pior risco, de que as pessoas abram mão da responsabilidade por suas escolhas. //

uniam pais e filhos, homens e mulheres, nas relações privadas, e os cidadãos, nas públicas, todos eles se debilitaram. Com isso, a moralidade paga um preço. Mas não aceitaríamos voltar a uma vida pessoal e política padronizada. O que fazer, então? Como escolher entre a lealdade amorosa e uma nova paixão? Há regra? Não há. Mas precisaremos, entre outras coisas, criar um pensamento e uma disposição éticos para lidarmos com as rupturas, com as mudanças ao longo da vida. Esses são os grandes desafios éticos de hoje.

Organicom – Qual o impacto da globalização nas relações humanas hoje em dia? Na sua opinião, essas relações estão mais ou menos éticas?

Renato Janine Ribeiro – A globalização responde por parte da individuação e do individualismo crescentes (que são dois conceitos bem diferentes entre si e dos quais falei na resposta anterior). Ela também faz com que valores mais fortes numa sociedade compitam com os que prevalecem em outras. Por exemplo, a mistura de liberdade e de descontrole é mais ocidental do que oriental, é mais capitalista do que tradicional. Um dos interessantes resultados disso, porém, é que cada vez mais ocidentais se abrem a valores de outras culturas e procuram uma ética para além de sua parte específica do mundo. Isso é enriquecedor. O que não é positivo é quando se destrói uma cultura em nome de outras, supostamente superiores. Mas não deixa de ser verdade que a cultura com maior abertura às outras talvez seja a ocidental atual, que realiza – em certa medida – a antropofagia de Oswald de Andrade. Por isso, aliás, nosso país e nossa cultura têm muito a dizer sobre globalização cultural e ética.

Organicom – Em uma das suas principais obras, o sociólogo Richard Sennett defende que a sociedade atual vive uma corrosão do caráter. Para ele, o capitalismo contemporâneo, a flexibilização do mundo do trabalho, a lógica hiper-competitiva e os padrões atuais de “sucesso” corroem a escala de valores e qualquer forma de disciplina ética, mesmo dentro do próprio capitalismo. Tudo isso em nome da produtividade. O Sr. concorda? Há uma crise de valores na sociedade atual?

Renato Janine Ribeiro – Concordo plenamente. Uma sociedade que valoriza o descartável em que pode dar? Daí surgem coisas espantosas tais como os partidos conservadores, como o britânico, que sempre defenderam valores como os da família, passaram a sustentar uma agenda que não tem mais lugar algum para esses valores – e que defende uma hipertrofia do indivíduo sem laços com a sociedade. Foi o que aconteceu com Thatcher. Nos Estados Unidos, os republicanos misturaram uma política de total amoralidade com um discurso moralista dos mais conservadores. Isso só é possível com muita ignorância dos eleitores ou mesmo com fraude eleitoral.

Organicom – A sociedade brasileira ainda apresenta um índice muito grande de corrupção, em todos os seus níveis. Mas isso não é privilégio apenas da sociedade brasileira. Por que somos tão suscetíveis à corrupção?

Renato Janine Ribeiro – Duas coisas. Primeira, a corrupção só é problema numa sociedade republicana, no sentido forte do termo, que nada tem a ver com presidentes de república versus reis, mas, sim, com a defesa da coisa pública, do bem comum. Essas repúblicas hoje só

podem existir na forma democrática. É só nas democracias que a política pretende o bem comum. E é só nelas que a corrupção, palavra que ao pé da letra quer dizer “degradação, apodrecimento”, existe como preocupação – porque a corrupção é corrupção da forma pura, que seria republicana. Já nos regimes ditatoriais, como eles não têm uma forma pura empenhada no bem comum, mas se definem desde o começo como voltados para interesses privados ou de grupos não eleitos, curiosamente não pode haver corrupção! Explico: corrupção só pode existir do que é bom. O ruim pode apodrecer? Como, se ele já é podre? O segundo ponto é o brasileiro. Podemos falar de corrupção propriamente dita se, e quando, há preocupação com o bem comum. Mas eu diria que essa preocupação não é forte em nosso país. O individualismo é predominante na maneira como nossos compatriotas consideram o laço social e político. Por isso, acaba não havendo muita diferença entre o egoísmo de quem invade o acostamento das estradas para passar à frente dos outros carros e a corrupção do governante ou do funcionário público. Em todos esses casos, a vantagem pessoal fica na frente, mesmo que a médio prazo produza um desastre que prejudica também o corrupto e/ou egocêntrico.

Organicom – Falta um pacto social de ética para o país?

Renato Janine Ribeiro – Não sei o que seria isso. A ética não é uma negociação. Não podemos combinar que seremos éticos. É uma decisão difícil que tem a ver com um certo heroísmo, pela qual nos dispomos a sacrificar vantagens em função de um ideal. Se o que quer dizer é que seria bom nossa sociedade ser mais ética, e que seria bom os políticos e empresários

combinarem de parar com a corrupção, concordo com a proposta. Mas não chamaria isso de um pacto ético. Não posso prometer que serei decente apenas se o outro também o for. Esse acordo pode ser muito bom, mas não poderia chamá-lo de ético.

Organicom – É um movimento contemporâneo das empresas utilizar conceitos como responsabilidade social e sustentabilidade, inclusive nas suas campanhas de marketing, como um elemento de diferenciação no mercado. A ética é hoje vendida como marketing empresarial? Tornou-se um produto?

Renato Janine Ribeiro – Tornou-se. Há um lado positivo nisso, que é o da exigência dos consumidores, que vão-se tornando mais cidadãos e começam a olhar o selo verde, o selo das boas práticas trabalhistas e recusam comprar o que foi produzido com mão de obra infantil, por exemplo. Mas o fato de ser positivo não quer dizer que seja necessariamente ético. É bom, sim, mas só chamo de ética a conduta em que a pessoa corre riscos porque escolhe um ideal em que acredita. Dizer que a ética é uma vantagem comparativa de certas empresas parece implicar que, se não houvesse essa vantagem, tais empresas não agiriam eticamente. Ora, se elas só agem eticamente por uma razão não ética, serão éticas? Insisto: para a vida social, é bom que as pessoas respeitem as leis e os princípios que achamos bons. Mas, para chamar esse respeito de ético, é preciso algo mais. Não sou contra o respeito às leis quando se é motivado pelo medo da punição. Apenas acho que esse respeito não chega a ser ético.

Organicom – Por que se percebe tanta diferença entre o discurso e a prática quando falamos de ética?

Renato Janine Ribeiro – Esse é um nervo exposto da sociedade brasileira. Por um lado, gostamos da palavra bonita que proclama princípios elevados. Por outro, não temos muita experiência no mundo da prática. O mundo da ação fica assim largado: parece que as palavras bastam a si mesmas e não exigem atitudes ou atos coerentes com elas. Seria melhor se tivéssemos ideais um pouco menos elevados, mas que nós cumpriríamos, do que ter ideais belíssimos, mas que são tão difíceis que nem sequer tentamos implementar.

Organicom – Como o Sr. vê as relações de negócios atuais? É possível que ética e negócios coexistam?

Renato Janine Ribeiro – Tanto é possível que já coexistiram e hoje também coexistem muitas vezes. Acredito que a maior parte das pessoas seja honesta. O problema é que basta uma minoria não o ser para corromper o laço social. Voltando ao exemplo do acostamento: quantos motoristas, no final de um feriado prolongado, vão pelo acostamento? Uma pequena minoria. Mas dão à grande maioria honesta a sensação de que agir bem é ser otário. O efeito deseducativo dessas situações é enorme.

Organicom – E como é a relação entre ética e política?

Renato Janine Ribeiro – Na política temos um problema sério, que está no financiamento das campanhas eleitorais. Esse é um problema mundial, aliás. Cada vez mais são necessários marqueteiros, “spin doctors”, como dizem os ingleses. Isso custa muito caro. Por isso, mesmo políticos honestos acabam fazendo um caixa 2. A corrupção, com isso, mudou de figura. Antes, o corrupto colocava o

dinheiro no bolso. Hoje, há gente que eu diria honesta que, por estranho que pareça, se corrompe para ter dinheiro para a campanha. Por isso, também, em nosso país é tão comum dizermos que uma pessoa é honesta na vida privada, mas não consegue sê-lo na vida pública. É o contrário do princípio anglo-saxônico dos “vícios privados, benefícios públicos”. Entre nós, a virtude pode existir no mundo privado, mas no campo público sentimos que vale tudo.

Organicom – Grandes empresas deixaram de existir devido a grandes fraudes contábeis e que abalaram a economia. Eram nomes sólidos como Enron, WorldCom, Arthur Andersen. A atual crise financeira também pulverizou gigantes como o Lehman Brothers e a AIG. Podemos dizer que o cerne desta crise está na ética? Ou melhor, de uma questão de falta de atitudes éticas nos negócios?

Renato Janine Ribeiro – Mudou o que queria dizer ser *conservador*. Os conservadores, até algumas décadas atrás, celebravam valores como os da família. É claro que isso levava muitos deles a serem preconceituosos, por exemplo, contra os homossexuais, contra os negros, ateus ou mesmo fiéis de outra religião. Mas havia um propósito de implantar certos valores. Isso hoje foi substituído por um individualismo radical, voltado para o ganho, o lucro, a celebração de si próprio. Não é à toa que a atual crise tem a ver com o crescimento dos ativos virtuais, isto é, que não necessariamente têm base real, mas são papéis, ficção. Quando alguém vem cobrar o que tem, vê que não tem nada – só papéis, que facilmente viram pó. Evidentemente, por trás disso está um descaso com valores, com laços sociais, com a própria realidade.

“Os valores implantados pelos conservadores foram substituídos por um individualismo radical, voltado para a celebração de si próprio.”

Organicom – Em uma empresa ou instituição, como a cultura organizacional pode influenciar a forma como ela se relaciona com a sociedade? A ética pode ser definida por meio de sua cultura organizacional?

Renato Janine Ribeiro – Falta liberdade no ambiente de trabalho, tema que analisei num programa da segunda temporada da série *Ética*, que apresentei nas TVs Futura e Globo (ver <http://www.futuratec.org.br>). Uma coisa é realização no trabalho, outra é liberdade no seu ambiente. Podemos nos realizar, mas não ter liberdade, ou ter liberdade num emprego que não é o que vai nos realizar. Na verdade, precisamos das duas coisas. O indivíduo se realizar no trabalho depende mais de escolher o lugar que lhe convém. Agora, reconhecer liberdade para os funcionários depende, muito, da empresa e do chefe. Minha experiência no Governo Federal, como um dos diretores da Capes, mostrou como a liberdade é um bem raro e precioso na relação com as pessoas. E por quê? Porque ela significa respeito. Quando o chefe respeita o subordinado, tudo melhora. Mas muito chefe tem medo disso.

Organicom – As empresas e instituições criam ou reproduzem códigos de ética.

Quais são os valores que qualquer empresa não pode deixar de ter?

Renato Janine Ribeiro – Um código de ética é uma lei, isto é, uma ordem que, se for desobedecida, leva a punições para o funcionário. É positivo uma empresa discutir o que as pessoas que trabalham nela acham correto ou errado. Mas é positivo, sobretudo, pelo debate, não pela conclusão ou fechamento dele. Evidentemente, entendo que um código de ética deve se basear no respeito: aos funcionários, aos clientes, aos fornecedores. Deve combater a exploração do trabalho infantil ou escravo entre os fornecedores, deve condenar o autoritarismo na empresa. Mas apenas cumprir o código de ética não dá, a ninguém, o diploma de pessoa ética.

Organicom – Em sua opinião, como é possível conciliar os interesses particulares e coletivos nas organizações?

Renato Janine Ribeiro – Uma empresa ou instituição pública precisa conciliar três tipos de direitos, pelo menos: os de seus consumidores ou usuários, que são sua razão de ser, sua finalidade; os de seus trabalhadores ou funcionários, que merecem pleno respeito como pessoas; e os de seus proprietários, que podem ser particulares ou, no caso do Estado, a sociedade inteira. Isso para não falar em direitos menos tangíveis, como os do meio ambiente: a natureza cada vez mais aparece não apenas como meio de realização humana, mas como senhora ou titular de direitos – a ser bem tratada, a não ser destruída. Ou seja, temos afinal quatro atores que devem ser considerados. Uma greve na saúde afeta os usuários, que também são, como cidadãos, os donos do serviço. Um aumento de produtividade pode detonar a natureza,

mas também pode ser necessário para reduzir a pobreza. Conciliar isso não é tarefa fácil, mas exige, pelo menos, que sejam reconhecidos todos esses titulares de direitos.

Organicom – É possível defender ou trabalhar para uma empresa não ética? Como lidar com essa questão?

Renato Janine Ribeiro – É claro que não é ético fazer isso. Se uma pessoa constata que trabalha para uma empresa que se vale da corrupção ou do trabalho de menores ou, ainda, devasta a natureza, não há justificativa ética para tanto. É evidente que a pessoa pode dizer que precisa do emprego – e pode precisar mesmo (embora a maior parte das vezes que conheço, necessite dele para manter um nível de vida mais elevado, e não para suas necessidades fundamentais) – mas essa explicação, que podemos compreender e até mesmo aceitar, não tem nada de ético. Esse caso é claro e não comporta dúvidas, a meu ver. Onde entram as dúvidas é quando a empresa gera produtos que fazem mal à saúde ou à sociedade. O leque deles está aumentando. Há muito debate a respeito. Parece-me que a tendência seja, numa sociedade livre, isto é, em que uma pessoa não é obrigada a trabalhar para Fulano ou Beltrano, o trabalhador ser responsável pelo que a empresa – ou órgão público a que serve – faz. Aqui temos amplo espaço para discussão.

Organicom – A seu ver, os profissionais de Relações Públicas podem ajudar a criar e a manter um comportamento ético nas empresas? Como?

Renato Janine Ribeiro – O papel dos profissionais de Relações Públicas pode ser o de esconder o que a empresa faz de an-

ti-ético ou o de garantir que ela preste contas, com sinceridade e, se for o caso, pedindo desculpas à sociedade ou compensando a natureza pelo desgaste que fez. Veja o recente caso do filme brasileiro *Linha de Passe*, dirigido por Walter Salles, cujos autores compensaram, mediante ações ecológicas, o carbono que a produção do filme gerou. Uma ação dessas fala por si mesma, mas é claro que, se não for divulgada, não valoriza quem a praticou – nem tem efeito disseminador como exemplo. Em suma, o profissional de RP ajudará a criar um ambiente ético se ele, e a empresa, forem éticos. Se não, não há o que fazer.

Organicom – Na sua opinião, os meios de comunicação no Brasil operam de forma ética?

Renato Janine Ribeiro – Não dá para ter uma resposta *sim* ou *não*. O mais fácil seria dizer *não*. Agradaria a muita gente. Mas sustento há anos que as novelas da TV Globo, em que pese o consumismo que decorre do merchandising nelas praticado, combatem preconceitos – contra a mulher, contra a lesbica, contra o portador de Síndrome de Down. Por outro lado, a maior parte dos programas da TV em geral – inclusive a cabo – não tem uma preocupação cultural ou mesmo ética. O estímulo sexual precoce é um problema sério. A não-cobertura das discussões políticas também o é. No governo FHC, a mídia praticamente não dava espaço a quem discordasse das políticas econômicas vigentes. Hoje, como a mídia continua defendendo aquelas políticas, pelo menos temos dois discursos sendo difundidos, aquele e o do atual governo. É melhor, mas não foi mérito da mídia.

Organicom – O Sr. foi protagonista de um debate ético na sociedade brasileira, ao

admitir que desejava a pena de morte para os assassinos de João Victor Borges (garoto de 5 anos morto em 2007, no Rio de Janeiro, ao ser arrastado por ladrões, que haviam roubado o carro dos pais). Hoje, como o Sr. vê a repercussão gerada nesse caso?

Renato Janine Ribeiro – Vejo como uma prova enorme da hipocrisia nacional. Coloquei o dedo numa ferida séria: não apenas o que fazer com jovens que cometem, conscientemente, um crime hediondo, que foi o caso concreto; mas não ficarmos na hipocrisia de pregar uma coisa e sentir outra. Uma reação que ouvi é que eu podia pensar e até dizer, em mesa de bar, que queria que os assassinos morressem, mas não deveria, até por dispor de espaço público, afirmar isso em alto e bom som. Ora, isso não é defender a hipocrisia? E como vamos consolidar o necessário respeito aos direitos humanos dos criminosos e dos presos, se nós mesmos não acreditarmos muito nisso? Deixei claro em minhas intervenções que meus sentimentos entravam em contradição com os valores que sempre preguei. Então, que base real têm esses valores para mim? E isso vale para muitos que concordaram comigo em privado, e o disseram, mas em público afirmaram outra coisa. Em suma, se queremos praticar os valores, acreditar neles é um bom começo; mas acreditar neles depende de muita coisa, inclusive de uma disposição dos afetos. E essa disposição afetiva não vem do nada. Por exemplo, é condenável passar os carros pelo acostamento, na estrada, mas como ninguém é punido por isso, algumas pessoas decentes, que têm razões para estarem com pressa e que estão sendo atrasadas por esses irresponsáveis, acabam também pegando o acostamento. Porque elas se sentem idiotas de cum-

prir a lei ou a ética. Isso é grave no Brasil: quando as pessoas sentem que praticar o bem não adianta, a disposição a sair dele é grande. No caso de assassinos frios e cruéis, o que fazer? O seqüestrador de Silvio Santos morreu na cadeia, apesar das garantias que lhe deu o governador da época, e que resultou disso? Nada. Infelizmente, é assim que a sociedade brasileira opera: afirma valores em público, e admite em privado a violência. Ouvi, por exemplo, que os pais da criança assassinada poderiam, sim, matar os assassinos; o errado era querer que fossem mortos na prisão ou executados após devido processo legal. Quer dizer, então, que além de você perder seu filho, você tem de macular sua mão para que sejam punidos os criminosos? Quer dizer que a Justiça não punirá à altura, e as pessoas de bem compreenderão a reação emotiva de quem perdeu um ente querido? É mais fácil censurar quem pergunta isso do que entrar num debate sério.

Organicom – O Sr. vê problemas na educação atual para que sejam formados cidadãos mais éticos?

Renato Janine Ribeiro – Nossa educação é muito ruim. Para melhorar, serão precisos anos. Pelo menos, os governos estão se interessando mais em melhorá-la e têm agora indicadores de sua melhora ou não. Não sei, porém, se esses indicadores medem o essencial ou só o secundário. E a formação ética depende muito da família. Se esta dá maus exemplos aos filhos, eles percebem o que os pais fazem e não o que dizem. Crianças são muito inteligentes. É mais fácil enganar

um adulto com palavras que discrepam dos atos. Os pequenos são atentos mais às ações do que ao verbo. Então, numa sociedade da ganância, que ética queremos que os jovens tenham?

Organicom – Finalmente, por que (e para que) ser ético? O que as empresas têm a ganhar ou a perder?

Renato Janine Ribeiro – Eu gostaria de sair da questão “o que (Fulano) tem a ganhar com a ética”, porque essa questão é, ela própria, não-ética. Posso responder em poucas palavras: todos nós, com a ética, temos a ganhar *um mundo melhor*. O mundo como está pode se tornar insustentável. Mas isso vale para nós como humanidade. Na ética, ganha-se materialmente como uma coletividade. Como indivíduos, pode ser que tenhamos de perder para sermos éticos. Quem encontra vinte mil reais no aeroporto e os devolve ao dono, o que ganha materialmente? Nada. Refiro-me a um faxineiro pobre, que foi homenageado e tudo o mais. Ou o caseiro do ministro Palocci, que penou como o diabo, como mostrou a revista *Piauí*. Perdeu o que mais importava para ele, que era o reconhecimento por um pai que nunca antes o aceitara, e que voltou a rejeitá-lo. Sim, o mundo ganha – inclusive materialmente – com ações mais éticas, mas quem age eticamente nunca terá certeza de que ele, em particular, sairá ganhando materialmente. Terá a consciência tranqüila, mas em nossa sociedade essa não é uma mercadoria muito valorizada. Só que não há saída: ou agimos eticamente, sem esperar recompensa, ou o mundo acaba.